

“NÃO CURTO AFEMINADO”: HOMOFOBIA E MISOGINIA EM REDES GEOSOCIAIS HOMOAFETIVAS E OS NOVOS USOS DA CIDADE

“I DO NOT LIKE EFFEMINATE”: HOMOPHOBIA AND MISOGYNY IN GEOSOCIAL NETWORKS HOMO AFFECTIVES AND THE CITY'S NEW USES

Renata Rezende*

Diego Cotta**

RESUMO:

Este artigo pretende problematizar os discursos dos perfis da rede de sociabilidade homoafetiva *Grindr* e discutir o teor homofóbico e misógino das descrições de usuários, sob a perspectiva de uma comunicação mediada a partir de um aplicativo para dispositivos móveis com geolocalizador. Discute ainda a reconfiguração da experiência de busca pelo prazer homossexual nas cidades e como as formas, as escolhas e a expressão dos gostos são engendradas em tais dispositivos de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; homofobia/misoginia

ABSTRACT:

This article aims to discuss the speeches of the sociability in profiles geosocial networks homo affectives *Grindr* and discuss the homophobic and misogynistic content of the descriptions of users, from the perspective of a mediated communication from a mobile application with geolocator. It also discusses the reconfiguration of search experience by homosexual pleasure in the cities and how the forms, the choices and the expression of the tastes are engendered in such communication devices.

* Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. RIO DE JANEIRO, Brasil. renatarezender@yahoo.com.br

** Mestrando do curso de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano do IACS-UFF. RIO DE JANEIRO, Brasil. diegocotta@gmail.com

KEYWORDS: city; homophobia/misogyny; mobile device

INTRODUÇÃO

Os tempos hipermodernos indicam uma valorização do individualismo e do hedonismo, elevando tais conceitos à exacerbação do eu. Contextualizado à questão do consumo, epicentro das teorias do filósofo francês Gilles Lipovetsky (2004), no desenvolvimento da denominada hipermodernidade, faz-se necessário problematizar os novos comportamentos, marcados pela maneira de ver e estar no mundo associada ao ato de consumir. Não há dúvidas que a sexualidade e a forma como ela vem sendo tratada pelas variadas esferas sociais, inclusive a mídia, são nítidas características desse cenário, no qual o público e o privado tomam novos contornos e muitas vezes tornam-se híbridos, fazendo com que as fronteiras sejam turvas ou inexistentes.

Seguindo essa linha de pensamento, Bauman emerge como um interessante interlocutor de Lipovetsky, na medida em que acredita em um enredamento social calcado nos excessos e defende a existência de um indivíduo hipermoderno que se move em uma sociedade “líquida” (BAUMAN, 2001). Se a sociedade se tornou “líquida”, como propõe o filósofo polonês, o homem hipermoderno tem a possibilidade de questionar as instituições políticas oficiais, uma vez que, para ele, tais instituições são rígidas demais em um mundo que fez de sua liquidez o meio para imprevisibilidade e transformação. O direito ao corpo, ao afeto e aos usos do sexo para além da reprodução humana, valorizando o prazer individual e o orgasmo marcam essa nova fase histórica.

A instituição da moral e “dos bons costumes”, muito calcada no discurso religioso-cristão-ocidental, começa a dar sinais de fissuras, na medida em que esse indivíduo *hipermoderno*, preocupado com o bem-estar e o prazer, questiona dogmas engessados que limitam desejos e interditam o corpo. Como afirma Douglas Kellner:

Quando as pessoas aprendem a perceber o modo como a cultura da mídia transmite representações opressivas de classe, raça, sexo, sexualidade, etc. capazes de influenciar pensamentos e comportamentos, são capazes de manter uma distância crítica em relação às obras da cultura da mídia e assim adquirir poder sobre a cultura em que vivem. Tal aquisição de poder pode ajudar a promover um questionamento mais geral da organização da sociedade e ajudar a induzir os indivíduos a participarem de movimentos políticos radicais que lutem pela transformação social (KELLNER, 2001, p. 83).

Contudo, ao mesmo tempo em que se observa o avanço desta tendência, nota-se a reação de grupos que a execram, sejam religiosos ou políticos (fundamentalistas e

neonazistas, por exemplo). Muniz Sodré (2006, p.32) sugere que há um esforço daqueles que controlam a razão, a moral, de sobrepô-las às emoções e ao afeto por que "(...) o mundo moderno começa a suspeitar mais fortemente dos afetos ou paixões, enquanto instâncias de confusão ou de uma desmedida socialmente indesejável".

Termos como afeição ou afecção, provenientes de *affectus* e *afectio*, segundo Sodré (2006, p.28-29), referem-se a um conjunto de estados que atua na função psíquica chamada de afetividade, já afeto, com a mesma etimologia, se refere a uma ação em particular sobre a sensibilidade de determinado ator. Nesse sentido, a ação de afetar, no latim clássico, contém o significado de emoção, pois corresponde a *commuovere*, comportando, um fenômeno afetivo que se define por um estado de choque ou de perturbação na consciência. Desta forma, o afeto pode equivaler à ideia de energia psíquica, "mostra-se, assim, no desejo, na vontade, na disposição psíquica do indivíduo que, em busca de prazer, é provocado pela descarga de tensão" (SODRÉ, 2006, p.29).

Nesse contexto, este artigo preocupa-se em jogar luz sobre um comportamento que estabelece um paradoxo. Tomando como objeto de análise o aplicativo de sociabilidade homossexual masculina - *Grindr*, este trabalho se propõe expor e discutir a reprodução do discurso homofóbico e misógino nas descrições dos perfis dos integrantes desta rede geossocial. O objetivo é compreender os conflitos existentes em tais avatares, que replicam o repúdio ao homossexual dito "afeminado", cujo comportamento e trejeitos, encarados como femininos, geram discursos de ódio dirigidos a um segmento que, a priori, seria identificado como parceiro.

Outra questão que emerge neste debate é a nova experiência pela busca do prazer homossexual nas cidades. A partir de um aplicativo, cujas principais características são a identificação de homossexuais nas proximidades e a facilitação de encontros, os sujeitos reformulam sociabilidades e caminhos pelos quais transitam para alcançar parceiros e concretizar desejos. Por isso, compreender as novas espacialidades da comunicação, principalmente sob a égide da cultura da mobilidade (LEMOS, 2009) é de grande relevância para o entendimento da prática homossexual na contemporaneidade. Como afirma Marc Augé, "vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Temos que reaprender a pensar o espaço" (AUGÉ, 1994, p. 38).

A BUSCA PELO PRAZER E AS NOVAS ESPACIALIDADES COMUNICATIVAS

Há muito tempo, homens se relacionam com outros do mesmo sexo. Traçar um histórico da prática homossexual seria retornar aos primórdios da civilização e, ainda assim, ater-se às análises profundas de suas culturas, uma vez que a homossexualidade é encarada, interpretada e identificada de inúmeras maneiras por variadas organizações sociais. São muitos caminhos e entendimentos, o que seria muito difícil realizar em síntese.

Diante disso, o recorte de espaço-tempo se faz necessário para a clareza das discussões aqui apresentadas. O historiador James Green, em *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, retrata as soluções encontradas por gays para driblar o preconceito e dar vazão aos desejos. O autor se concentra no século XX, mas não deixa de registrar épocas anteriores, até por conta das fortes mudanças sociais no período de transição entre Monarquia e República no país.

No fim do Império e nas primeiras décadas da República, existia um mundo social vibrante composto de homens que utilizavam de forma criativa o espaço público, muitas vezes ocupado também por prostitutas e boêmios, para desfrutar seus prazeres e paixões (GREEN, 2000, p. 106).

Green descreve a utilização de praças públicas e parques como redutos da presença dos "frescos" (como os gays "afeminados" eram chamados à época). O historiador cita o antigo Largo do Rossio (hoje, Praça Tiradentes), no Rio de Janeiro, e o Vale do Anhangabaú, em São Paulo, como os lugares preferidos da busca pelo prazer entre homens gays. Tais espaços vigoravam como alternativas porque muitos deles eram casados com mulheres e pertencentes à elite, e, por isso, recorriam às ruas, pois sabiam da disponibilidade de "frescos", que eram facilmente identificados por conta de suas vestimentas e "trejeitos afeminados" (GREEN, 2000).

Pode-se compreender as praças e parques como espécies de *não-lugares*, ou seja, espaços de trânsito, devido à circulação acelerada de pessoas (AUGÉ, 1994). No entanto, os homossexuais masculinos da época em questão os resignificavam, trazendo sentido e finalidade para esses locais. Gays do final do século XIX e início do século XX compartilhavam um espaço público de sociabilidade erótica, carregando-o de identidade e afetividade, tornando-o, nesse sentido, um *lugar* de fato.

A organização do espaço e a constituição dos lugares são, no interior de um mesmo grupo social, uma das motivações e uma das modalidades das práticas coletivas e individuais. As coletividades (ou aqueles que as dirigem), como os indivíduos que a elas se ligam, necessitam simultaneamente pensar a identidade e a relação, e, para fazerem isso, simbolizar os constituintes da identidade partilhada (pelo conjunto de um grupo), da identidade particular (de determinado grupo ou determinado indivíduo em relação aos outros) e da identidade singular (do indivíduo ou do grupo de indivíduos como não semelhantes a nenhum outro) (AUGÉ, 1994, p. 50-51).

Se naquela época a procura por relações homossexuais era majoritariamente realizada em lugares públicos, os anos que se sucederam foram caracterizados por uma reconfiguração do espaço de sociabilidade gay. Com as profundas transformações sociais que ocorreram no decorrer do século XX, como as guerras mundiais, a cristalização do sistema capitalista, as ditaduras e ascensão política da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), os espaços para os encontros foram se transformando, além da forma de experienciá-los (GREEN, 2000).

Os encontros começaram a ocorrer com grande frequência em casas de amigos: inúmeros grupos se encontravam, uns nas residências dos outros, a fim de diversão, diálogo, festa, onde, inevitavelmente, ocorriam os flertes. São nesses espaços que o Movimento LGBT encontrou terreno fértil para sua germinação, conforme contextualiza Green (2000).

Além dos encontros domésticos, a ida às saunas, bares e boates voltadas ao público gay também caracterizou o período do meio do século. Homossexuais masculinos e também femininos começaram a frequentar assiduamente espaços segmentados - espécies de guetos - para a prática não só homoerótica, como também de sociabilidade. O chamado *pink money* começou a movimentar a "economia rosa", gerando grandes rendimentos para as cidades, principalmente os grandes centros, no Brasil particularmente Rio de Janeiro e São Paulo, que detinham (e ainda detêm) os principais lugares para a finalidade sexual.

Lilian Torres (2000, p.70), ao detalhar e apresentar seu olhar etnográfico sobre esses territórios, exemplifica os variados locais LGBT que compunham os segmentos por ela estudados: eram inúmeros espaços movimentados e povoados por lésbicas e gays que procuravam lugares de sociabilidade. A autora traça os trajetos e expõe um cenário de encontros bem demarcados, os quais se tornaram territórios de lazer e de entretenimento, fazendo fluir identidades e afetos:

Na rua Santo Antônio, além dos bares de MPB (Boca da Noite, Porque Hoje é Sábado), há um trajeto gay (Bug House, Scubaruba, Fellini Bar, Segredu's, Skadinha, Sky, Perepepês) que se comunica com o bar e restaurante Ferro's, na rua Martinho Prado, conhecido pela frequência de mulheres homossexuais, e com outras casas noturnas semelhantes na rua Rui Barbosa (Shock, HeavenUp) (TORRES, 2000, p.70).

Com o avanço e desenvolvimento acelerado das tecnologias de informação e comunicação (TIC's), boates e bares voltados especialmente ao público LGBT deixaram de ser os principais locais para os encontros. Outros percursos passaram a ser trilhados para a busca do prazer homossexual nas cidades. A internet e, mais tarde, os dispositivos móveis com geolocalizador transformaram a experiência da conquista. Primeiramente, com as salas de bate-papo, onde o teor textual era valorizado, passando pelos *softwares* com uso de imagens e vídeos, até chegar aos aplicativos dos telefones celulares. Estes últimos dispositivos otimizaram os encontros com fins sexuais, principalmente nas metrópoles, geralmente muito povoadas e com grandes fluxos populacionais em diferentes espaços.

Segundo Janice Caiafa (2013), as cidades são espaços que abrigam extensos e infindáveis movimentos: grandes fluxos urbanos enredam-se, fazendo com que a todo instante os próprios residentes sintam-se estrangeiros, por assim dizer, devido à tamanha diversidade a que estão expostos. Para ela, "a relação com os fluxos urbanos da diferença é uma experimentação, algo que exercitamos e construímos enquanto ocupamos e circulamos pelo espaço das cidades" (CAIAFA, 2013, p.30).

Circular pelas cidades também significa *navegar* por ela, e, ao mesmo tempo, empresta-lhe novos significados e utilidades. Para André Lemos, as tecnologias da comunicação e da informação (TIC's) dão cabo de certo nomadismo por mediar fluxos corporais e informacionais, gerando um poder sobre os espaços ao "des-re-territorializá-los", ou seja, "as tecnologias de comunicação móveis são tidas como desterritorializantes, instituintes de processos nômades, justamente por criar deslocamentos de corpos e informação" (LEMOS, 2007, p. 285).

Nesse sentido, as tecnologias móveis possibilitaram um maior controle sobre o tempo e o espaço, atuando como instrumentos de territorialização, na medida em que instituíram outras formas de controle, particularmente na justaposição dos espaços eletrônico e físico.

A partir dos aplicativos para dispositivos móveis que têm como componente norteador de suas funções o mapeamento das cidades, conferindo-lhe memórias, usos e afetos,

os indivíduos passaram a reapropriar, ou melhor, reterritorializar os espaços citadinos e, a partir dele, reconfiguraram trajetos e finalidades. Novos usos foram engendrados e maneiras de lidar com os lugares experienciados das mais variadas formas, de acordo com a demanda de cada um.

No caso de *apps gays*, cujo intuito é viabilizar encontros reais (físicos) entre homossexuais masculinos, majoritariamente discriminados pela cultura heteronormativa da sociedade, esta ressignificação dos espaços, principalmente no campo virtual, que se concretiza através do ato sexual no espaço físico, pode ser encarada como tentativa de construção de um território seguro para dar vazão aos desejos considerados “desviantes” dos homossexuais. As variantes, agora, são a rapidez e a precisão dos processos e a quantidade de sujeitos envolvidos nessa rede.

Caiafa (2013), a partir de Deleuze e Guattari, atribui ao transporte coletivo a função de dar fuga. Em uma analogia com os *apps gays*, que não deixam de ser equipamentos maquínicos, transportando corpos virtualizados, há de se aferir que também são válvulas de escape à opressão sexista. É nesse ambiente desdobrado e virtual e, ao mesmo tempo, real e “localizado” que homossexuais constituem novos espaços próximos e otimizados para se relacionarem sexualmente.

A fuga, dentro da cidade e através da cidade, abriga esse sentido de escapar das prescrições sociais/subjetivas/territoriais - que, por outro lado, têm o seu papel na produção da vida social nas cidades e que retificam e traduzem os fluxos urbanos de diferenciação constantemente. O cultivo dessa fuga é uma marca das cidades (...) (CAIAFA, 2013, p. 31)

Novas experiências são incorporadas ao cotidiano das cidades, agora, mapeada e virtualizada - reterritorializada, por excelência, a partir da emergência do ciberespaço, que é também o espaço da rua. São novas produções de sentido e relações homem-dispositivo-sociedade. Nas palavras de Eduardo Bianchi, “o corpo que se desloca pela cidade, que caminha pelos espaços, que vivencia as ambiências em busca de prazer, redesenha a sua própria cidade” (BIANCHI, 2014, p. 6), transformando também a vida cotidiana, - esse ininterrupto processo de invenções e reinvenções a partir daquilo que o homem tem a sua disposição para tecer sua história (Heller, 2008).

GRINDR, HOMOFOBIA E MISOGINIA

O *Grindr*¹ criado pelo americano Joel Simkhai, em 2009, é uma rede geossocial que pode ser usada por diferentes sistemas operacionais e dispositivos móveis, como o *Android*, *iPhone*, *iPod Touch*, *iPad*, *Blackberry OS*, entre outros. O aplicativo está disponível para *download* na *App Store* e o *Android Market/Google Play Store*, com versões gratuitas e uma paga - *Grindr Xtra*. O objetivo principal é viabilizar encontros “reais” entre homens gays e bissexuais que estão próximos entre si e, para isso, o *app* conta com o uso da tecnologia de geolocalização.

Essa dinâmica de busca por prazer entre gays e bissexuais funciona em uma interface de fácil usabilidade, que apresenta uma série de imagens representativas de homens, a maioria com parte de seus corpos expostos, ordenada do mais próximo ao mais distante. A partir da escolha de uma imagem é disponibilizado um breve perfil para esse usuário, bem como a opção de bate-papo, envio de fotos e mapa que localiza onde aquele corpo se encontra naquele momento, mostrando a distância entre os que estão se comunicando.

Em entrevista ao portal R7, de 1º de outubro de 2010², Joel Simkhai revelou que teve a ideia da criação do aplicativo porque “ficava frustrado com os sites de namoro, que não levavam em conta a localização das pessoas”. Ele explica que, naquela época, se fazia buscas pelo CEP, desprezando “o cara da minha sala, do edifício, do outro lado da rua”. No momento em que a segunda geração do *iPhone* chegou ao mercado, em junho de 2008, a experiência dos usuários na relação com os aplicativos mudou.

O Brasil iniciou o uso do *Grindr* de maneira gradual, se comparada com a velocidade de outros países, segundo Simkhai. Ainda na mesma entrevista, o americano diz que começou a crescer mais rapidamente a partir do “boca a boca” e pela divulgação na mídia.

Em maio de 2011, o Brasil possuía 14.044 usuários do *Grindr* e, em setembro de 2013, como consta no *release* “Grindr Fact Sheet³, que faz parte de um *press kit* dirigido à imprensa, o país já contava com 247.728 usuários e ocupava a sétima posição no *ranking* dos que mais utilizam o aplicativo, como se pode observar na tabela abaixo.

Tabela 01 - Países que mais utilizam o Grindr

Top Countries		Top Cities	
United States	2,968,300	London	947,250
United Kingdom	1,231,230	New York	508,763
France	511,876	Paris	412,060
Canada	339,813	Los Angeles	347,150
Australia	287,067	San Francisco	286,195
Spain	264,825	Chicago	253,154
Brazil	247,728	Boston	235,388
Italy	216,372	Sydney	204,351
Germany	200,109	Atlanta	197,838
Mexico	164,539	Houston	181,806

Fonte: Grindr Fact Sheet.

Esses números legitimam o aplicativo como uma nova ferramenta de busca pelo prazer homossexual masculino nas grandes cidades. Tal comportamento faz emergir uma experiência diferenciada de lidar com os caminhos que são trilhados para a concretização de um ato sexual. Anteriormente, os encontros estavam concentrados nas praças, ruas e avenidas, passando por domicílios de amigos, festas, saunas e boates e, com a internet e o desenvolvimento de aplicativos de encontros com geolocalização, passaram a acontecer em qualquer lugar, em qualquer momento e de maneira facilitada e mediada por um dispositivo móvel. São corpos agenciados em uma relação íntima com a tecnologia; corpos em trânsito os quais carregam uma série de representações e enunciados que constituem uma espécie de vitrine daquele usuário que está a escolher.

Bianchi problematiza a questão das corporalidades e suas performances. Para o autor, há variadas funções deste corpo-objeto na elaboração dos processos de (re)territorialização da cidade (LEMOS, 2007) justamente pela ocupação de seus espaços e pela configuração de lugares de afeto, onde se compartilham as ambiências pelo sentimento de pertencimento. É nesse sentido que compreendemos o *Grindr* enquanto um mediador de corpos desejantes. São corpos que ocupam, transitam e comunicam; não somente de forma material, mas, principalmente, imaterial e simbólica; haja vista a defesa desse trabalho de uma nova espacialidade comunicativa e de um desdobramento corporal no tempo e no espaço.

Por ser virtual, esse corpo midiático é, na maior parte das vezes, produzido de maneira espetacular e performática, a fim de operar na lógica dos afetos e estimular desejos.

Estamos falando de um corpo em performance comunicativa, tomado por linguagens simbólicas e pelos diferentes modos e estilos que incorpora. Percebemos o corpo em busca de sedução de outros olhos e de muitos olhares. Por meio de um jogo lúdico, a corporeidade

sedutora tenta, a todo custo, apreender o outro, os olhos do outro, busca a atenção e quer ser identificada como objeto desejante. (...) Explorador do onírico, o corpo comunicante, enquanto produtor sensível, passa a ser a imagem geradora de pululares imagéticos por parte de seu "dono" e sob os olhares alheios. O corpo pode ser entendido como objeto e, assim, pode ser explorado pelos desejos e pelas reações geradas em outros corpos (BIANCHI, 2014, p.2).

Os corpos desejantes estão na rede, conectados e prontos para se interligarem a qualquer momento, a partir de novas linguagens comunicativas que devem ser entendidas como fenômenos de enunciação coletiva, no caso, os *apps* geossociais homoafetivos. Nesse sentido, o conceito de *rizoma*, de Deleuze e Guattari, pode ser adaptado quando se entende o desenvolvimento da vida urbana a partir da rede. Todos os pontos se comunicam e podem ir de um lugar a outro, na medida em que estão sob a égide dos princípios de conexão e de heterogeneidade. Para Deleuze e Guattari (1995, p.14), " num rizoma [...] cadeias semióticas de toda a natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diverso, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas". Ou seja, além de a rede não poder ser considerada apenas como itinerário, numa dimensão somente territorial, ela também abarca organizações flexíveis, indivíduos ou grupos dispersos e descentralizados, que a partir de interesses comuns e desejos de variadas ordens, movimentam-se por ela. Como os próprios autores explicam, a conectividade entre as enunciações, subjetividades e humanidades com a máquina é o processo.

Deleuze e Guattari, quando desenvolvem o conceito de *rizoma*, também problematizam a questão da ruptura de sistemas. No caso do *Grindr*, se entende a cidade como heteronormativa, por mais que ela pulse alteridade, pois ainda assim, o choque e, por vezes, o preconceito e desrespeito com os homossexuais é uma constante, como verificamos em alguns fragmentos discursivos que são detalhados a seguir (ver figuras 1 e 2).

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.17).

Contudo, ainda como um caminho alternativo e, *a priori*, seguro para que homossexuais deem vazão aos seus desejos, os discursos dos usuários do *Grindr* também compartilham

preconceitos, baseados em uma perspectiva heteronormativa e, sobretudo, machista da sociedade.

É curioso perceber traços homofóbicos e misóginos em uma rede geossocial, cujo intuito é estabelecer a proximidade e encontros "reais", físicos, entre homossexuais. Por se constituírem minoria oprimida e vulnerável, o esperado seria a resistência à discriminação e a ressonância do afeto. Como afirmam Deleuze e Guattari (1995, p.17), "faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito". Segundo os autores, existem, nos indivíduos e nos grupos, "microfascismos" sempre à espera de sedimentação.

A imagem do corpo, ou seu discurso, é reconhecido dentro do funcionamento de uma determinada sociedade, que segue normas e condutas de comportamento.

Michel Foucault (1976), que estudou a história da sexualidade e do corpo, e introduziu temas diversos em um projeto de uma arqueologia dos saberes e uma genealogia dos poderes na sociedade, tem uma análise relevante, que permite pensar as relações de poder na Modernidade em um regime que vai da sociedade disciplinar à sociedade de controle, para chegar ao paradigma na contemporaneidade definido pelas tecnologias de comunicação e de informação que são inerentes ao *biopoder* - que é a forma utilizada pelo capitalismo para administrar a vida social por dentro, acompanhando-a, interpretando-a, absorvendo-a e rearticulando-a (REZENDE, 2005).

Foucault (1976) já questionava sobre qual tipo de investimento do corpo seria necessário e suficiente ao funcionamento da sociedade capitalista. Para o autor, a articulação entre as práticas discursivas e as não discursivas, ou seja, as relações econômicas, sociais e políticas vinculam-se à emergência do Estado do bem-estar social na Europa de meados do século XX (pós-guerra). Aos poucos, a sociedade industrial, baseada na produção, vai dando lugar à sociedade de consumo; nesse momento, "a ênfase é dada às formas das relações consigo, aos procedimentos e às técnicas pelas quais são elaboradas, aos exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto por conhecer e às práticas que permitam transformar seu próprio modo de ser" (FOUCAULT, 1984, p. 37).

As tecnologias de poder exprimem as formas sociais que produzem os corpos e (re) produzem suas imagens, fornecendo-lhes sentido, ou seja, estabelecendo discursos que são internalizados como verdades (REZENDE, 2005). Forma-se então o discurso da

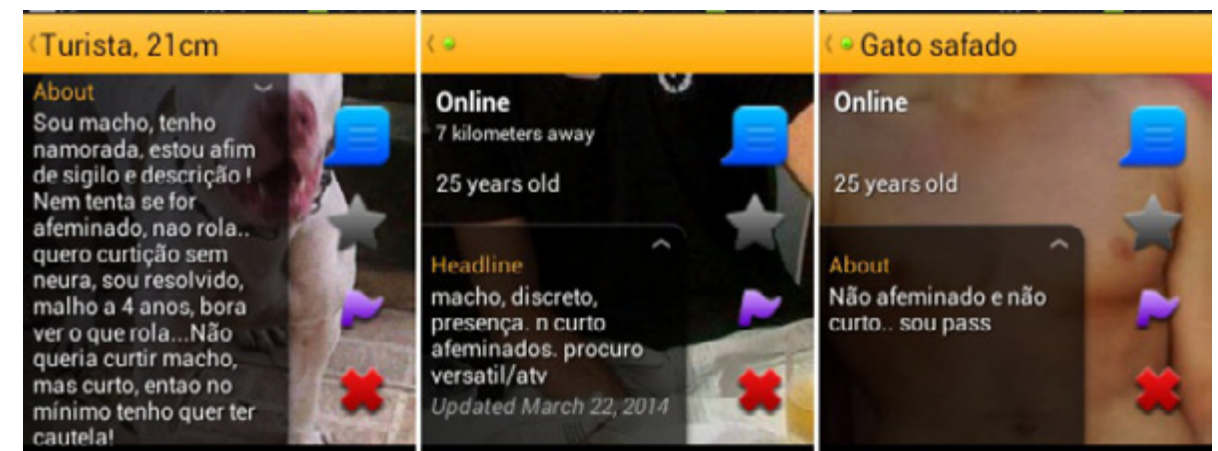
norma, segundo Foucault, correspondente ao binômio *normal x patológico* vinculado à sociedade industrial. Nesse sentido, podemos compreender, segundo Sedgwick (1993, p.156), que a figura do menino afeminado concentra uma patologia da homossexualidade, na medida em que o "homossexual saudável deveria agir masculinamente".

Para o sociólogo peruano Giancarlo Cornejo (2010), que realizou uma autoetnografia *queer*⁴ existe uma razão que afirma que a "afeminobia" seria uma necessidade conceitual do movimento gay de parar a longínqua tradição de tomar o gênero e a sexualidade como categorias contínuas, uma tradição que assume que qualquer pessoa que deseja um homem deve por definição ser feminina, e que um homem que deseja uma mulher deve, pela mesma razão, ser masculina.

A rede é uma grande condutora de relações globalizadas; não se decreta uma rede e, tampouco, a impõe a seus usuários uma maneira vertical de conduta. As pessoas usam os equipamentos tecnológicos, que propiciam uma outra rede, agora virtualizada, engendrando seus próprios *scripts* e protocolos, muito deles imbuídos de representações e valores convencionais e hegemônicos.

Como exemplo do deslocamento e fluxo das convicções heteronormativas da vida cotidiana para a rede virtual, ou melhor, para os aplicativos móveis de sociabilidade gay, selecionamos algumas descrições de perfis de usuários do *Grindr*, que, desde a primeira demonstração de gostos e interesses, evidenciam a replicação de discursos homofóbicos e misóginos.

Figura 1. Exemplos de perfil de usuários do *Grindr*



No primeiro exemplo, conforme é possível verificar na figura 1, o usuário é categórico ao reafirmar "nem tenta se for afeminado", frase que somada à figura de um cachorro

de raça semelhante a um pitbull, potencializa a mensagem de o interesse do perfil ser apenas sexual, sem espaços para afetividades, que, geralmente são atribuídas ao sexo feminino. Este perfil também descarta, logo no início da frase, qualquer possibilidade de aproximação com gays que não estejam inseridos na semântica de virilidade. O perfil *Turista 21cm* refuta parceiros que por ventura apresentem traços considerados femininos, bem como o segundo exemplo, que reverbera o título deste artigo “não curto afeminado”, indicado na sua *headline*, seguido do perfil *Gato Safado*, que também segue a mesma lógica “não afeminado e não curto”.

Os relacionamentos nas redes sociais são estudados por Recuero (2013, p.58), que verifica os “atos de ameaça à face” nessas plataformas, considerando face “valores positivos que um determinado ator busca por meio de sua expressão”. O foco da autora é o *trolling* - “ato de desestabilizar as pessoas para a diversão pessoal ou de vários outros” (2013, p.63) - e seus efeitos. Segundo Recuero, “essas práticas podem gerar danos consideráveis para os grupos e as conversações em rede, notadamente reduzindo o capital social gerado e construído pela mediação do computador” (p.65). A hiperconexão permitida pelas redes e as próprias características dos participantes podem “potencializar os danos gerados pelo ‘trolling’”, afirma a autora.

O site *osentendidos.com*, especializado na temática homossexual, traz vários artigos que problematizam as questões que circunscrevem o cotidiano gay. O assunto macho/fêmea; bofe/afeminado, por vezes, é epicentro das discussões das matérias e da opinião dos colunistas. Em maio de 2014, Bruno Etílico escreveu a matéria *A máscara do gay macho: identidades virtuais*⁵, onde ele problematiza e debate uma experiência que fez utilizando o *Grindr*. O escritor resolveu criar um perfil com uma estrutura pouco usual: um recém-chegado ao Rio de Janeiro; com uma foto que corresponde ao padrão sexual do homem másculo, forte, grande, jovem e branco; com descrição de perfil não muito elaborada, mas com dados suficientes de uma dissociação do padrão comumente buscado pelos usuários, na

medida em que apresenta a ideia paradoxal de se enquadrar nessa normatização, apesar de rejeitá-lo em sua busca. Abaixo, apresentamos a conversa.

Figura 2. Trecho da conversa de Bruno Etílico com um usuário do *Grindr*



O exemplo da figura 2 vai além das descrições do perfil dos usuários. Após ser chamado para uma conversa, *Ksado19cm1* reproduz um discurso homofóbico e, sobretudo, misógino. Sua ojeriza ao feminino pode ser percebida a partir de afirmações como: “não curto afetação”; “nem chego perto de bichinha”; “são tão fêmeas que dá nojo”; “não vejo necessidade de parecer mulher”; e “é distúrbio de comportamento querer entrar no lugar da mulher para fuder com homem”. Tal discurso está calcado no ódio, na intolerância e na violência, sendo dirigido a qualquer interlocutor que venha a reproduzir

traços femininos, pois ele “não tem paciência mesmo”, como evidencia os fragmentos do texto.

Percebe-se também que, mesmo identificando o machismo em suas palavras, conforme pode ser verificado, *Ksado19cm1* não se arrepende e continua perpetrando intolerância ao interlocutor. Talvez por certa ocupação da zona de conforto, por se entender enquanto ator hegemônico, portador de um senso comum e, historicamente, arraigado na sociedade. Não há pudores ou remorsos ao se autointitular machista e proferir sentenças discriminatórias, pois nas relações cotidianas, a cultura heteronormativa e patriarcal é uma constante.

A questão do discurso misógino, a partir de Bourdieu (2002), leva em conta outra perspectiva, na qual a dominação do homem sobre a mulher é exercida por meio de uma violência simbólica, compartilhada inconscientemente entre dominador e dominado, determinado pelos esquemas práticos do *habitus*. No caso da relação entre homossexuais, o indivíduo que mais desempenhar o papel do macho, não somente com fenótipos, mas também com atributos comportamentais, discursivos e sexuais, impõe sua dominação com extrema potência. Para o autor,

a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem (BOURDIEU, 2002, p. 49 e 50).

Nesse sentido, são corpos que ocupam, transitam e comunicam, principalmente no campo do simbólico. De toda forma, são micropolíticas que se instauram no cotidiano e que revelam que a rede virtualizada promovida pelo *Grindr* é composta por atores sociais e suas performances. São corpos que carregam consigo as representações de um mundo simbólico e, sobretudo, das relações sociais e relações de poder das quais fazem parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dispositivos móveis com geolocalizador transformaram a busca pelo prazer homossexual nas cidades, anteriormente alocadas em lugares públicos ou fechados. Os sujeitos passaram a se deslocar pelos espaços com *smartphones*, buscando encontros e outras experiências em novos modelos de sociabilidade.

Os fluxos corporais e seus embates discursivos, agora, acontecem em outras instâncias de espaço-tempo, haja vista que a reterritorialização desses locais para o encontro dos interessados em sexo é algo que vem se tornando comum em uma sociedade cada vez mais midiaticizada.

Como os dispositivos móveis constantemente são ressignificados pelos usuários da rede, através da perene produção de subjetividades, os discursos discriminatórios que assolam uma sociedade calcada em valores patriarcais, falocêntricos, heteronormativos e misóginos também imprimem o tom das descrições e afirmações de participantes de aplicativos de relacionamentos como o *Grindr*.

O macho hiperbólico, valorizado socialmente, se vigora como um potente e poderoso ator hegemônico, que atropela outras formas as quais resistam à dominação respaldada pela heteronormatividade e o machismo. Se antigamente os homens não eram vistos como “homens de verdade” por serem gays, hoje eles também exibem e veneram suas “machezas” nos aplicativos, perpetuando ódio, intolerância e, muitas vezes, a violência, a partir de corpos erotizados e discursos homofóbicos.

Ainda há muito que se problematizar e debater sobre o tema, principalmente se levarmos em conta que os sujeitos são cada vez mais solicitados a viverem no interior de redes comunicativas, onde a conectividade e a interatividade imperam como logística do tempo contemporâneo, como elementos que configuram as relações com o espaço, transformando o cotidiano.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BIANCHI, Eduardo. *Caminhos de prazer, caminhos de lazer: imagens corporais de desejo na rede social Grindr*. 2014. Trabalho apresentado ao GP Comunicação Urbanas do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

CAIAFA, Janice. *Trilhos da Cidade: viajar no metrô do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

CORNEJO, Giancarlo. *La Guerra Declarada Contra El Niño Afeminado*. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2010. In: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares>. Acesso em 05 de março de 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal Editora, 1984.

GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. São Paulo: EDUSC, 2001.

LEMOS, André. *Cultura da Mobilidade*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 40, p. 28-35, dezembro, 2009.

_____, André. *Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Des-territorialização na Cibercultura*. In: *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

RECUERO, Raquel. *Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet*. In: PRIMO, Alex. *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

REZENDE, Renata. *Tecnologia, cinema e a invenção do corpo contemporâneo: do corpo mecânico ao corpo digital*. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFF, 2005. IN: http://www.btd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1576. Acesso em: 05 de março de 2015.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *How to Bring Your Kids Up Gay*. In: *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Ed: Warner. Minneapolis & London: University of Minnesota Press, 1993.

SODRÉ, Muniz. *As Estratégias Sensíveis: Afeto, Mídia e Política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

TORRES, Lilian. *Programa de Paulista: Lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a Rua da Consolação*. In: *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2000.

NOTAS

1. Ver mais in: <http://grindr.com/learn-more>. Acesso em 30 outubro 2014.
2. Disponível em: <<http://bit.ly/1vkNNm9>> Acesso em 30 outubro de 2014.
3. Disponível em: <<http://grindr.com/press>> Acesso em: 30 outubro de 2014.
4. Ver mais in: BENTO, Berenice e Larissa, PELÚCIO. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. In: *Revista Estudos Feministas*. V20, n.2. Florianópolis, 2012. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2012000200017&script=sci_arttext. Acesso em: 05 de março de 2015.
5. Disponível em <<http://bit.ly/1uCzNXE>> Acesso em 5 dezembro de 2014.

Artigo recebido: 29 de junho de 2015

Artigo aceito: 27 de julho de 2015